

A VALORIZAÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA APLICADA AO ENSINO DE CIÊNCIAS

Vanessa Campos de Sousa

Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri-URCA
Bolsista de iniciação científica com projeto financiado pela Fundação Cearense de Desenvolvimento e Apoio a Pesquisa - FUNCAP

Resumo: O presente artigo apresenta uma pesquisa-ação, com base em uma teoria apresentada por Saviani, a Pedagogia Histórico-Crítica-P.H.C, apresentando cinco etapas com fins de transformação do indivíduo e por ele da sociedade em que está inserido, originando uma teoria que valoriza o processo de leitura e da escrita, denominada PROTEXTUALIDADE, adicionando duas etapas a P.H.C, sem perder a finalidade de transformação do aluno, apenas valorizando o processo da linguagem adquirida pelo mesmo, assim aprimorando a teoria para uso na prática em sala de aula. Foram realizados testes dessa teoria, em escolas municipais da cidade do Crato, realizados no período de 2 anos em um projeto financiado pela Fundação Cearense de Desenvolvimento e Apoio a Pesquisa – FUNCAP, foram realizadas observações das aulas de Ciências de salas do 5º ano, entrevistas com os alunos, para obter uma noção da realidade social apresentada por eles, entrevistas com professores, buscando conhecer sua formação. Ministrando posteriormente semanas onde era apresentado determinado conteúdo da área de Ciências, seguindo rigorosamente os passos apresentados pela PROTEXTUALIDADE. Com isso obteve-se resultados satisfatórios, onde foi possível analisar que o aluno apresentou “transformação” diante do tema apresentando, sendo visto inicialmente uma criança com insatisfação no estudo, na matéria, e na etapa final, alguém que entendeu a importância do conteúdo e os conceitos fundamentais em sua formação tanto escolar, quanto humana e social.

Palavras-chaves: Ensino de Ciências, PROTEXTUALIDADE; Leitura e escrita;

1- INTRODUÇÃO

Muitas crianças não têm acesso à escola, sendo denominadas por Dermeval Saviani, crianças que se encontram a margem do processo de educação, assim sendo marginalizadas. Essa questão da marginalidade é classificada em dois grupos, o primeiro grupo, que considera os instrumentos que superam esse caráter, e o segundo grupo, que trata dos meios que favorecem a marginalidade.

Ora, percebe-se facilmente que ambos os grupos explicam a questão da marginalidade a partir de determinada maneira de entender as relações entre educação e sociedade. Assim, para o primeiro grupo a sociedade é concebida como essencialmente harmoniosa, tendendo à integração de seus membros. A marginalidade é, pois, um fenômeno acidental que afeta individualmente um número maior ou menor de seus membros, o que, no entanto, constitui um desvio, uma distorção que não só pode como deve ser corrigida. A educação emerge aí como um instrumento de correção dessas distorções. (SAVIANNI, p.3-4).

Desta maneira, acredita-se que a educação é uma forma de equalização social, onde os indivíduos são apresentados à oportunidade de aprender e através do conhecimento ser

igualado diante da sociedade em que está inserido. Entretanto o segundo grupo apresenta a mesma sociedade apresentada no primeiro grupo:

[...]como sendo essencialmente marcada pela divisão entre grupos ou classes antagônicas que se relacionam à base da força, a qual se manifesta fundamentalmente nas condições de produção da vida material. Nesse quadro, a marginalidade é entendida como um fenômeno inerente à própria estrutura da sociedade. Isso porque o grupo ou classe que detém maior força se converte em dominante se apropriando dos resultados da produção social, tendendo, em consequência, a relegar os demais à condição de marginalizados. Nesse contexto, a educação é entendida como inteiramente dependente da estrutura social geradora de marginalidade, cumprindo aí a função de reforçar a dominação e legitimar a marginalização. (Ibidem, p.4).

Diferentemente, o segundo grupo acredita que muitas vezes a educação é apresentada para os indivíduos, ocorrendo de maneira distinta, sendo apresentadas para os que são favorecidos economicamente de forma mais complementada, produzindo assim uma diferença social, onde os que tiveram uma educação favorável superam os que não tiveram e muitas vezes apresentam poucas condições educacionais, por ter vivenciado uma educação desfavorecida, e até mesmo os que não puderam ter a oportunidade de estudar, apresentando-se a margem do processo educacional.

Na pedagogia Tradicional, são considerados marginalizados, aqueles que são conceituados ignorantes. Nessa teoria a escola é considerada uma agência centrada no professor, ficando ao aluno a assimilação dos conteúdos transmitidos, de forma disciplinada. Nem sempre os que ingressavam na escola, conseguiam aprender com as regras dessa teoria. Na pedagogia Nova, acreditavam que era possível atender os marginalizados oriundos da Pedagogia Tradicional, assim os marginalizados nessa teoria, passam de ignorante para rejeitados. Começam a acreditar na escola como forma de equalização social, vai tomando corpo e começa a ser tratada como “escolanovismo”. Com os pensamentos diferenciados e as mudanças, efetuam críticas em relação à teoria tradicional. Alguns conceitos são apresentados de forma diferente, e neste contexto, são valorizadas as diferenças das pessoas, considerando os homens como seres que são diferentes, indivíduos únicos, que apresentam pensamentos, problemas distintos. Nesse período é mencionado a ‘anormalidade’, como uma simples diferença, entretanto:

[...]Se o escolanovismo pressupõe métodos sofisticados, escolas mais bem equipadas, menor número de alunos em classe, maior duração da jornada escolar; se se trata de uma escola mais agradável, capaz de despertar o interesse dos alunos, de estimulá-los à iniciativa, de permitir-lhes assumir ativamente o trabalho escolar, por que não implantar esse tipo de escola exatamente para as camadas populares nas quais supostamente a passividade, o desinteresse, as dificuldades de aprendizagem são maiores? (Ibidem, p. 61- 62).

Um questionamento que nos leva refletir diante da Educação apresenta em caráter de desigualdade social, onde a criança que é propiciada a uma ‘melhor’ educação, é considerada melhor que a outra que foi apresentada a um processo de estudo desqualificado, no qual, acredita-se ser adequado aos filhos dos pobres, que são destinados aos centros de trabalhos. Enquanto os filhos da elite concentram seus conhecimentos em profissões que utilizem da intelectualidade, sendo também o trabalhador, aquele que oferece sua força braçal, menos remunerado do que, o que oferece sua intelectualidade.

Acreditando que uma pedagogia deveria ser implantada para os fins das classes populares, superando as contribuições uns dos outros, diante das teorias anteriores e métodos tradicionais e novos (SAVIANI, 2009) surgindo uma teoria com métodos:

[...] que estimularão a atividade e iniciativa dos alunos sem abrir mão, porém, da iniciativa do professor; favorecerão o diálogo dos alunos entre si e com o professor, mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levarão em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, mas sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e gradação para efeitos do processo de transmissão- assimilação dos conteúdos cognitivos. (Ibidem, p. 62)

Ressaltando que esses métodos, tem que valorizar o conhecimento produzido historicamente pelo aluno, pois o mesmo durante suas vivências ao ambiente externo a escola, produzem conhecimentos que devem ser respeitados no ambiente da sala de aula, por serem eles que auxiliam o aluno na aprendizagem dos conceitos científicos, sendo os conhecimentos espontâneos, apresentados e posteriormente aperfeiçoados pela criança, [...] “A análise comparada desses conceitos, aplicada a uma fase etária, mostrou que, quando há os respectivos momentos programáticos no processo educacional, o desenvolvimento dos conceitos científicos supera o desenvolvimento dos espontâneos”. (VIGOTSKI, 2009, p.243).

Ressaltando que não devendo priorizar a transmissão aos alunos, de conceitos científicos a partir de seus conhecimentos do senso comum, por a criança apresentar inicialmente conceitos e idéias adquiridas no meio social que está inserida, mas muitas vezes esse meio não proporciona o que ela necessita apreender para uso em seu cotidiano atual ou futuro, privando assim, o indivíduo ao acesso de informações que poderiam lhe ser útil ou não, reafirmando a educação diante do processo de diferença entre as camadas do sistema dominante.

Como há grandes questões sociais que desafiam os homens, a elas devem corresponder conteúdos que dêem conta dessas necessidades. No processo de seleção desses conteúdos, porém, é necessário levar em conta tanto as exigências da sociedade quanto as condições institucionais que estão dadas. Não procede, portanto, a questão de quem vem primeiro, se o conteúdo escolar ou as questões de

ordem social que exigem um determinado tipo de conhecimento elaborado. As duas dimensões são faces intercambiáveis da mesma realidade. (GASPARIN, 2011, p. 37).

Tomando por base o questionamento de Saviani, a realidade por ele apresentada e sua teoria com métodos considerados relevantes no processo educacional, foi elaborada uma teoria conhecida como PROTEXTUALIDADE, neste caso, apresentada para o Ensino de Ciências, tendo como base a Pedagogia Histórico Crítica-P.H.C, compartilhando das mesmas ideias e preocupações, com o acréscimo de duas etapas apresentadas para execução pedagógica da leitura e da escrita. Tendo sua aplicação em escolas Municipais, da cidade do Crato-CE, escolas compreendidas na zona rural e urbana.

2- PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA-P.H.C

Elaborada com fins essenciais de buscar transformação do indivíduo, sendo considerado que quando não ocorre esse processo, ali não ocorreu a teoria Histórico-Crítica. Uma vez não tendo sido atingido o objetivo tanto a teoria quanto a educação não se apresentam de forma a atingir o que é necessário para sociedade, sendo necessário que o aluno leve o conhecimento apreendido para o meio social e de forma socializando esse conhecimento, ensine ou modifique algo em seu meio de vivência.

[...] O papel da educação será colocar-se a serviço da formação social, em gestação no seio da velha formação, até então dominante. A concepção dialética aponta, pois, para um sentido radical de inovação que significa mudar as raízes, as bases. Trata-se de uma concepção revolucionária de inovação. Trata-se de reformular a própria finalidade da educação, isto é, coloca-la a serviço das forças emergentes da sociedade. Portanto, não se trata de usufruir momentos prazerosos e passageiros, ao contrário, pressupõe ação, luta de classes; transformação, portanto, mudança (ROSELLA; CALUZI, p.8).

Podemos observar que esse momento muitas vezes não trás prazer na criança, e esse método não tem essa característica por relevância, sobretudo a essa função, é a busca da mudança no meio social, pois o aluno aprendendo e transmitindo a outras pessoas, amplia as oportunidades para transformação, esse mesmo aluno que é apresentado anteriormente a esse processo, não é o mesmo, é um aluno que apresenta seus conceitos anteriores aperfeiçoados, tendo amplitude de possibilidades diante dos meios de sua própria existência.

3- AS ETAPAS DA P.H.C

A prática pedagógica tem sua atividade mediadora fundada nas intervenções realizadas na zona de desenvolvimento proximal e mediante a identificação do nível de desenvolvimento real e potencial do aluno. É uma atividade que se concretiza pela identificação por parte do professor, dos elementos culturais essenciais e principais

produzidos "histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens" (SAVIANI, 2009) e através da seleção dos objetivos, conteúdos, metodologias e formas de avaliação do processo ensino-aprendizagem. A pedagogia histórico crítica – P.H.C é apresentada em 5 passos, sendo, prática social, problematização, instrumentalização, catarse e prática social, nessa ordem.

3.1- Prática Social

Para apresentação desses passos, inicia-se a etapa com o conhecimento da realidade apresentada pelo aluno da sala em que será aplicada a teoria, visando à importância do conhecimento prévio do mesmo, onde esse respeito irá aguçar sua curiosidade diante de assuntos que podem ser exploradas e ainda não fazem parte do seu mundo.

Uma das formas para motivar os alunos é conhecer sua prática social imediata a respeito do conteúdo curricular proposto. Como também ouvi-los sobre a prática social mediada, isto é, aquela prática que não depende diretamente do indivíduo, e sim das relações sociais como um todo. Conhecer essas duas dimensões do conteúdo constitui uma forma básica de criar interesse por uma aprendizagem significativa do aluno e uma prática docente também significativa. (SAVIANI, p.13).

Nesse sentido, ocorre o processo de sintonia do aluno e do professor com o conteúdo, pois os mesmos passam por processos de descoberta. O aluno quando passa pelo processo do encontro com o que é novo, aperfeiçoando seus conhecimentos, é apresentado a diversas etapas até chegar à concretização do conhecido, o professor por sua vez, sente seu trabalho exercido e a realização em sintonia com o conteúdo. É necessário que o aluno seja apresentado as etapas até chegar ao objetivo, pois:

Partir do social significa partir do humano genérico, das preocupações coletivas, da dimensão na qual se manifestam nossas lutas, realizações e contradições. Assume-se que o aluno não é “menos”, mas que sabe menos ou sabe de forma não-organizada, o que indica ser o professor o organizador da estratégia de ensino. (SANTOS, 2005, p. 11)

O aluno quando é apresentado ao ambiente escolar, trás consigo conceitos que surgiram do ambiente não escolar, do meio social, com as brincadeiras e socialização com os colegas, pela mídia, de alguma forma, esse aluno apresenta conhecimentos, e cabe ao professor nesse processo, respeitar e aperfeiçoar o aprendizado do aluno, lapidando o conhecimento por ele apresentado.

3.2-Problematização

Nessa etapa o questionamento é o ponto de atração que o professor apresenta para interagir com os alunos o conteúdo necessário, explorando-o da melhor forma através de

questões que sejam interligadas com o social do indivíduo, munido das características apresentadas no currículo escolar, explorando de todas as formas possíveis, fazendo com que os alunos possam interagir com a disciplina ou com o assunto, aguçando seu interesse diante do mesmo. Essa etapa:

[...]é o fio condutor de todo o processo de ensino-aprendizagem. Todavia, este momento é ainda preparatório, no sentido de que o educando, após ter sido desafiado, provocado, despertado e ter apresentado algumas hipóteses de encaminhamento, compromete-se teórica e praticamente com a busca da solução para as questões levantadas. O conteúdo começa a ser seu. Já não é mais apenas um conjunto de informações programáticas. A aprendizagem assume, gradativamente, um significado subjetivo e social para o sujeito aprendente. (GASPARIN, p.47)

O indivíduo começa assim, a sentir-se parte do tema, o que lhe intensifica na caracterização de novos conhecimentos, e posteriormente a associação, a apresentação social desses conceitos. O conteúdo por sua vez deixa de ser algo anteriormente independente e sem necessidade, passando a apresentar importância e compreensão pelo aluno, processo essencial para o respeito aos conteúdos e relevância do mesmo para o processo social.

3.3 – Instrumentalização

Nesse momento o aluno apresenta, coloca seus conhecimentos do senso comum em comparação mental diante dos conceitos apreendidos, nessa etapa o professor executa o papel de auxiliar o aluno, pois o mesmo já apresenta seus conceitos lapidados, e está associando-o mentalmente, de forma a sistematizar seus conhecimentos. “A instrumentalização é o caminho pelo qual o conteúdo sistematizado é posto à disposição dos alunos para que o assimilem e o recriem e, ao incorporá-lo, transformem-no em instrumento de construção pessoal e profissional” (GASPARIN, 2011), possibilitando no processo de socialização, apresentado na etapa final.

3.4 – Catarse

O aluno por sua vez, tem que apresentar oralmente ou de forma escrita o que realmente apreendeu, ao chegar nessa etapa é possível realmente diagnosticar o processo, pois muitas vezes o aluno acredita ter entendido acerca dos assuntos, mas tem dificuldades ao manifestar esses conceitos, sendo assim, apresentado por ele e conseqüentemente melhora aprimorando suas ideias, ao discorrer em um papel, ou dissertar oralmente.

E essa tentativa de materialização nasce do movimento que o sujeito faz indo na nebulosa compreensão sincrética à síntese. Ele aceitou a prática, enfrentou o problema que esta lhe impunha, instrumentalizou-se, articulou o conhecimento histórico com as necessidades concretas de seu tempo e de seu problema, fez o

esforço da análise e da síntese e, finalmente, retornou à prática, agora, contudo, com instrumentos culturais/científicos capazes de propiciar uma prática não alienada, uma prática transformadora. Catarse (kátharsis) quer dizer purificação. A nebulosa síncrese dá lugar à clareza e esta abre caminhos para uma ação efetiva. (SANTOS, 2005).

Diante desse processo, o aluno se depara com seus conceitos esclarecidos e sistematizados, sendo capaz de agir e reagir com objetividade e esclarecimento. Passa a sentir-se capaz de conhecer acerca de outros temas, sendo que sua relação com o que anteriormente lhe conhecido ou não, agora é aprimorado.

3.5 - Prática Social

Ao retorno para prática social, na qual foi à primeira etapa do processo, busca-se a transformação da pessoa humana, podendo levar o conhecimento visto em sala de sala, para o ambiente externo a mesma. O aluno que é apresentado a diversos temas na escola, apresenta esse tema de maneira a socializá-lo com a realidade que vivencia em sua família e com os colegas. Na prática pedagógica, busca-se a transformação, mas essa busca sem contextualizar com os alunos e o professor não existe, é necessário que a realidade dos alunos, seja trabalhada. A escola é a representação dos alunos que estão inseridos nela e esses alunos são a representação da sociedade que estão inseridos. “A mudança na prática pedagógica implica reconhecer que não é apenas o professor que deve modificar sua forma de ensinar, mas que uma série de ordenamentos na escola e na comunidade devem ser considerados ao mesmo tempo no sentido de sua transformação” (BIZZO, 2006, p.33).

Como não ignoramos a relação estreita entre escola e sociedade, bem como o fato de que a educação se insere nessa prática como mediadora entre o saber e o sujeito, nossa pretensão é que a síntese ou a soma destas possa produzir um cidadão capaz de uma prática mais consciente. Alterou-se o sujeito da prática e não esta em si mesma. Modificou-se aquele que vai agir e reagir no universo social. Se esse indivíduo estiver preparado para pensar através de relações, se for capaz de usar o treinamento obtido para pensar sua realidade, teremos alcançado o primeiro patamar de um novo sujeito. Não mais um inerte instrumento das decisões “superiores”, teremos agora um sujeito na extensão máxima do termo, alguém capaz de operar por si com base na realidade em que está inserido. (SANTOS, p. 80)

Compreendemos a importância de cada um dos passos apresentados, onde na etapa final se pretende trabalhar de forma a resolver ou amenizar os problemas apresentados na introdução desse artigo. Necessitando que fosse apresentado a P.H.C, para auxiliar na compreensão da PROTEXTUALIDADE, por ter sido a teoria de Saviani, base para os seguintes estudos.

4-PROTEXTUALIDADE

A partir da retratação fundamentada em Dermeval Saviani, a respeito de método de ensino, foram incluídas duas outras com finalidade de aperfeiçoar as aulas de Ciências, envolvendo leitura e escrita, não se unificando ao estudo empírico. Com isso pretendemos difundir, uma teoria conhecida por PROTEXTUALIDADE, testada e apresentada de forma que auxilia na aprendizagem dos alunos, neste artigo buscamos o teste dessa teoria, fazendo uso de uma horta no ambiente escolar, de forma a utilizá-la como forma de complementação dos conteúdos aplicados aos alunos.

O conhecimento está além das quatro paredes da sala de aula, ele surge fora desse ambiente e a instituição escolar, tem que trabalhar os conteúdos e conceitos apresentados pelos alunos de forma a respeitarem seu espaço, preocupando-se com a transformação.

Tais métodos situar-se-ão para além dos métodos tradicionais e novos, superando por incorporação as contribuições de uns e de outros. Serão métodos que estimularão a atividade e iniciativa dos alunos sem abrir mão, porém, da iniciativa do professor; favorecerão o diálogo dos alunos entre si e com o professor, mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levarão em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, mas sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e gradação para efeitos do processo de transmissão-assimilação dos conteúdos cognitivos (SAVIANNI apud SANTOS, 2003, p.69).

Os métodos de ensino apresentados visam a melhor aplicação para o professor, tendo em vista que cada aluno é um ser individual, que sofre influências distintas da sociedade. Temos como questão a importância do ato de escrever e ler, levando em conta a realidade apresentada nas escolas, onde adolescentes apresentam dificuldades consideráveis na leitura e na escrita de textos, com isso a PROTEXTUALIDADE é apresentada adicionando dois passos aos que são apresentados por Saviani, apresentando essencialmente à temática “horta”, pois acreditávamos que o aluno necessitava de um instrumento que fosse considerado como espécie de laboratório, onde era aplicado o que havia sido visto em sala de aula. Essa forma também proporciona ao aluno uma forma de qualificar seus conhecimentos, visando aprender mais profundamente acerca do tema, devido à junção da teoria e da prática.

5-Etapas da PROTEXTUALIDADE

Também, comumente apresentado em diversas escolas e currículos a polêmica do não uso de atividades de leitura e escrita no ensino de Ciências, fazendo uso somente da prática. Com esses fins conseguimos mostrar a apresentação da leitura e da escrita em uma prática pedagógica, aperfeiçoada em grupo de estudos. “A PROTEXTUALIDADE é uma ferramenta para trabalhar a leitura e a escrita, que surgiu da necessidade de apresentar uma

proposta frente ao crescente problema social, onde adolescentes chegam ao ensino médio com grande dificuldade de leitura/escrita, limitando-se a mera decodificação” (FERNANDES, 2003).

5.1- PRÁTICA SOCIAL INICIAL

Anteriormente a todo processo de ensino em sala de aula, está o conhecimento prévio do professor pelas as vivências do aluno, pois o processo educacional não ocorre somente dentro do ambiente escolar, e sim, fora dele. O indivíduo nunca se apresenta as aulas sem saber absolutamente nada, pelo contrário, pode ser que ele tem ouvido falar sobre algo, algum dia, ou tenha vivenciado algo do tipo, não se pode subestimar o que o aluno trás consigo, pelo contrário esse conhecimento prévio auxilia no entendimento aperfeiçoado do assunto a ser tratado.

O interesse do professor por aquilo que os alunos já conhecem é uma ocupação prévia sobre o tema que será desenvolvido. É um cuidado preliminar que visa saber quais as “pré-ocupações” que estão nas mentes e nos sentidos dos escolares. Isso possibilita ao professor desenvolver um trabalho pedagógico mais adequado, a fim de que os educandos, nas fases posteriores do processo, apropriem-se de um conhecimento significativo para suas vidas. (GASPARIN, p. 14)

Essa etapa que o professor vivencia, melhora a sua ação em sala de aula, pois acredita-se que o conhecimento sempre existe, não é possível que um aluno não saiba nada, ele sempre tem algo para ser explorado, e merecido ser mediado pelo processo educacional.

5.2-PROBLEMATIZAÇÃO

A problematização encontra-se apresentada ao levantar questionamento que proporcionem curiosidade e interesses dos alunos sobre algum tema do ensino de Ciências ou de outras áreas, esse problema é uma situação que exige do aluno a resposta, essa busca pode ocorrer de maneira que o professor favoreça esse encontro.

Nesse momento precisamos acionar nossa experiência pedagógica, determinando os conhecimentos científicos que precisam ser assimilados e relacionando-os aos conhecimentos tecnológicos, havendo, assim, a necessidade de apropriação de instrumentos teóricos e práticos indispensáveis e possíveis para a solução das questões postas por esta prática que para nós, enquanto educadores, torna-se imprescindível. (ROSSELLA; CALUZI, p.12).

A prática social também apresenta problemas, onde deve haver a relação da escola com a sociedade, para questionar o mundo vivenciado pelo indivíduo, auxiliando os alunos no processo de aprimoramento de suas descobertas e inserção de novos conhecimentos.

5.3-PRODUÇÃO TEXTUAL INICIAL – P.T.I

O problema de leitura e escrita dos alunos coaduna com a questão de aplicá-lo a margem tanto nas disciplinas de Ciências quanto em outras disciplinas, as cobranças aos alunos o colocam capazes de buscar aprender pelo menos um pouco do que lhe foi apresentado, por isso a importância de aplicar um material escrito em sala de aula, onde os alunos tem a oportunidade de apresentar o conhecimento que possuem acerca da temática escolhida, nesse caso, a horta, sendo possível ao professor identificar os conceitos trazidos pelos alunos e científicá-los durante a Aula Propriamente Dita – A.P.D.

5.4-AULA PROPRIAMENTE DITA – A.P.D

Tendo efetuado as práticas anteriores, seguidamente, o professor encontra-se apto para apresentar sua aula através do planejamento que executou, influenciado pelas posições apresentadas pelos alunos, relacionando ao conteúdo que deve ser aplicado, apenas aperfeiçoando a apresentação do mesmo.

[...] trata-se de um momento em que a ação direta do professor reflete essencialmente a estreita relação que existe entre conteúdo e método. Dessa forma ganha destaque à atuação do docente. Na efetivação da APD, em consonância com o objetivo do trabalho pedagógico poderá desenvolver: aula de campo, experimentos, filmes, reportagens, depoimentos/entrevistas, leitura de um texto, comentários de um acontecimento, exercício de fixação, desenhos, debates e atividades lúdicas (LACERDA, 2010).

Nessa aula fica livre a forma como será aplicada, explorando os materiais pedagógicos, sem fazer uso da prática sem aplicação dos conceitos, tomando o cuidado de não perder o foco da introdução desses materiais. Valorizando não somente o conteúdo mas a forma como apresenta-lo.

5.5- PRODUÇÃO TEXTUAL FINAL – P.T.F

A P.T.F é elaborada no mesmo modelo da PTI, sendo que apresenta-se com determinadas modificações diante da história inicial, mas possuindo o mesmo caráter questionador e sempre no mesmo sentido das perguntas anteriores, até porque os alunos já possuem uma determinada idade, que faz com que os mesmos sintam-se desmotivados à responder as mesmas questões. A P.T.F é realizada uns dias depois da prática, até porque os alunos necessitaram socializar o assunto na sociedade que estavam e até hoje estão, inseridos.

5.6- PRÁTICA SOCIAL FINAL

Assim como apresentado na P.H.C, o conhecimento que o professor valorizar, irá favorece-lo em seu desempenho educacional, e aprendizagem crítica do aluno em sala de aula e no ambiente externo a ela. O ser humano é movido pela curiosidade de entender algo, descobrir o universo que vive, e ao ter acesso a essa descoberta, procura fazer uso desse conhecimento, podendo apresenta-lo as pessoas que o cerca, consequentemente buscando ainda mais acerca do que lhe fascina. Significando que:

[...] que na nova forma de agir, o educando tem a intenção, a predisposição, o desejo de pôr em prática os novos conceitos aprendidos. Assume, em consequência, o compromisso de usar, em seu cotidiano, esses conceitos com base em suas características essenciais, concretas, e não mais do ponto de vista do fenômeno cotidiano empírico próprio da Prática Inicial (GASPARIN, p. 143).

Ao final do processo o aluno encontra-se com sua ação do conhecimento aperfeiçoada, não sendo mais o mesmo da etapa inicial, nesse sentido, encontra-se transformado pelo meio social que através dessa modificação, transforma esse mesmo meio. O que lhe foi apresentado inicialmente foi trazido das vivências, que agora se entram ‘cientificadas’, e são novamente aplicadas a sociedade, mediado através da educação.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da apresentação e execução correta de cada etapa da PROTEXTUALIDADE, obtivemos resultado satisfatórios onde era perceptível a evolução das crianças, acerca do tema apresentado, que inicialmente foi à temática horta, onde a aula foi a respeito da importância de uma boa alimentação, fazendo com que eles conseguissem identificar os benefícios do consumo de frutas e legumes.

Na Prática Social Inicial, os alunos foram levados a uma horta localizada próxima a escola onde eles puderam conhecer os vegetais e as frutas, e expressaram seus conhecimentos prévios, foi deixado que os alunos expressassem livremente acerca do assunto, somente sendo revisto ao retornarem a sala de aula, onde os alunos foram questionados tanto verbalmente quando através de uma **Produção Textual**, que apresentamos a eles para nos auxiliar diante do conteúdo que iria ser transmitido em sala de aula,

Tendo por base a Pedagogia Histórico-Crítica-P.H.C, consideramos relevante que seja esclarecido a diferenças entre ela e a PROTEXTUALIDADE, sendo que no contexto geral, essa diferença não é explicitamente apresentada, percebendo que na realização do processo e o acréscimo de duas etapas não deixam de manter o objetivo de transformação do individuo e da sociedade que o mesmo está inserido, apenas reformulando um pouco as

etapas, onde apresentados o processo avaliativo, visando a leitura e a escrita para aprimorar os novos conceitos vistos pelos alunos.

Muito se tem tratado acerca dos problemas apresentados na educação, tomando por ênfase o desinteresse na leitura, conseqüentemente na escrita, apresentado por alunos de idades distintas e de escolas particulares e públicas, nesse sentido, procuramos a aplicação de uma ferramenta que também atraísse dos alunos o interesse em buscar através da escrita e do estudo bibliográfico. Partindo para além do método empírico, onde são testados e vistos o que acontece e, ficando somente nas experiências, sem utilizar de explicação informalmente ou formalmente escritas. Na prática do ensino de Ciências, se utiliza muito desse processo experimental ou lúdico e deixa de lado a explicação no papel, onde o aluno pode apresentar no papel seus conceitos adquiridos através da testagem.

Referências

BIZZO, Nelio. **Ciências: fácil ou difícil?** São Paulo, SP. Editora Ática, 2006.

FERNANDES, G. P. In: **I Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares**, 2003, João Pessoa-PB. ANAIS. João Pessoa: UFPB, 2003. CD-ROW.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. Autores Associados, 2009.

LACERDA, F. F. L. **Uma proposta para a avaliação**. In: IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, 2010. Anais. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2010. 1 CD.

ROSELLA, M.L.A; CALUZI, J.J. A Pedagogia Histórico-Crítica e o ensino de Ciências. Disponível em: <http://www.ufvjm.edu.br/site/educacaoemquimica/files/2011/09/A-Pedagogia-Historico-Critica-e-o-ensino-de-Ciencias.pdf> Acesso em: 23 mai. 2012.

SANTOS, César Sátiro dos. **Ensino de Ciências: Abordagem Histórico-Crítica**. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2005.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 41. Ed. Revista. – Campinas-SP: Autores Associados, 2009. – (coleção Polêmicas do nosso tempo, 5).

VIGOSTKI, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**; tradução Paulo Bezerra. – 2ª Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. (Biblioteca Pedagógica).